



# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica

### **Falsas Memórias e influência das Emoções.**

Ana Raquel de Jesus Figueiredo



# **TRABALHO FINAL**

## **MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA**

---

Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica

### **Falsas Memórias e influência das Emoções.**

Ana Raquel de Jesus Figueiredo

**Orientado por:**

Professor Doutor Mário Simões

---

**MAIO'2017**

## **Resumo**

A *memória* consiste num conjunto de informações adquiridas e concretizadas pela experiência constituindo representações, mas não a realidade dos acontecimentos sendo deste modo possível a criação de falsas memórias. Abordando uma vertente particular do assunto, existe uma variável que detém grande impacto no processo de formação e conservação da memória: a emoção. Na presente revisão crítica debate-se algumas particularidades da influência das emoções na génese e manutenção das falsas memórias. As conclusões reunidas sustentam a ideia de que emoções desempenham um papel na manutenção tanto de memórias verdadeiras como falsas. Por outro lado, acontecimentos de valência emocional negativa proporcionam taxas de recuperação de memórias (verdadeiras ou falsas) superiores aos de valência neutra, existindo mesmo uma indicação que emoções negativas facilitem em maior proporção a criação de memórias falsas. Conclui-se assim que o facto de uma memória ter conteúdo emocional não é uma garantia de que a mesma seja credível em termos de veracidade. Em relação à discriminação do alvo das falsas memórias, estas direccionam-se sobretudo aos itens centrais perante eventos emocionalmente negativos, e a detalhes face a vivências emocionalmente neutras. Por último, intenta-se também que criar uma falsa memória é bem mais exequível e provável do que inibi-la.

Palavras-chave: falsas memórias; emoção; memória

## **Abstract**

*Memory* consists on a set of information acquired and understood by the experience constituting representations, but not the reality of the events, being this way possible the creation of false memories. Approaching an aspect of the subject, there is a variable that has a great impact on the process of memory formation and conservation: emotion. In this critical review some particularities of emotion influence on the creation and maintaining of false memories are discussed. Conclusions support the idea that emotions play a role in maintaining both true and false memories. On the other hand, events of negative emotional valence provide rates of recovery of memories (true or false) higher than those of neutral valence, and there is even an indication that negative emotions ease the creation of false memories in greater proportion. It follows, that the fact of having a memory with emotional content is not a guarantee that this is reliable in terms of truthfulness. Focusing on the target of false memories, they move mainly towards the central points on emotionally negative situations, and details in emotionally neutral circumstances. At last, it is assumed that creating a false memory is much easier than to forget them.

Keywords: false memories; emotion; memory

O Trabalho Final exprime a opinião do autor e não da FMUL.

# Índice

---

<b>I.</b>	Introdução .....	4
<b>II.</b>	Teorias explicativas das Falsas Memórias .....	7
<b>III.</b>	Emoções e Memória .....	9
	<b>a.</b> Precisão de Memórias Emocionais .....	11
	<b>b.</b> Memória de Eventos Traumáticos: que parte da memória é mais susceptível a erros? .....	13
	<b>c.</b> Será possível o Esquecimento Intencional de Falsas Memórias? .....	15
<b>IV.</b>	Emoções e Falsas Memórias na Patologia Psiquiátrica .....	17
	<b>a.</b> Mitomania na Personalidade Histrionica .....	17
	<b>b.</b> Estados Depressivos Delirantes .....	18
	<b>c.</b> Esquizofrenia Paranoide .....	18
	<b>d.</b> Memórias Falsas induzidas por Hipnose .....	19
<b>V.</b>	Discussão e Conclusão .....	21
<b>VI.</b>	Referências Bibliográficas .....	24

## I. Introdução

---

Citando Izquierdo (1989, p. 89), “não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro”.<sup>17</sup>

A *memória* caracteriza-se pela consolidação do passado na forma de imagens ou representações que podem, posteriormente, ser evocadas no acto de recordar.<sup>17</sup> Tem-se então em consideração um conjunto de informações adquiridas e concretizadas pela experiência que constituem representações, mas não a realidade dos acontecimentos, que são depois integradas a nível das funções superiores do ser humano no cérebro.<sup>17</sup> Por sua vez a *experiência* não é nada menos do que o hoje vivenciado por cada ser humano, que quando cognitivamente integrado se tornará, por conseguinte, no passado que influenciará os novos presentes.

De facto o conceito de memória tem sofrido vários pulsos evolutivos decorrentes de avanços investigacionais neste campo, pelo que várias e diferentes definições se encontram presentes no decorrer do tempo. Nomeadamente, hoje em dia a memória é estudada em paralelismo com a sua vertente neurofisiológica associada à plasticidade neuronal.<sup>30</sup>

Portanto à memória está associado um processamento dinâmico que se desenvolve desde a aquisição à recuperação da informação.<sup>55</sup> Deste modo ela não é uma fotografia neuronal que se constrói a partir da realidade. Na verdade a memória sofre influência das mais inúmeras variáveis, umas decorrentes da situação vivida, outras decursivas das características do eu que vivência o momento, ou até mesmo das particularidades da acção memorizada em si mesma.

Existem dois tipos de memórias classificadas de acordo com a realidade: as memórias verdadeiras e as falsas memórias.<sup>32</sup> Estas últimas são descritas como repletas de detalhes e interpretações que as fazem parecer tão lícitas como as análogas, verdadeiras.<sup>32</sup> Por conseguinte, ambas são defendidas por quem as proclama como verdadeiros relatos, uma vez que são dotadas de altos níveis de convicção e podem perdurar de igual modo no tempo.<sup>32</sup> Alguns estudos têm mesmo mostrado evidências de que tanto as falsas memórias como as verdadeiras têm padrões de alta persistência e estabilidade temporal.<sup>32,4</sup>

Nem todas as experiências são efectivamente conservadas. Algumas memórias são de facto armazenadas no entanto, outras são distorcidas ou até mesmo esquecidas.<sup>1</sup> As falsas memórias estabelecem um conceito que tem motivado grande interesse nas

últimas décadas muito pelas suas incríveis implicações ao nível da mente humana e da Psiquiatria Forense.

O fascínio por este terreno cognitivo tem vindo a expressar-se já desde há algum tempo atrás, ainda assim demasiado fugaz tendo em conta a complexidade do assunto. Foi o tralho de Roediger & McDermott (1995) que voltou a redireccionar atenções, e com uma visão mais actual para a questão.<sup>47,49</sup>

O que são as *falsas memórias*?

*Elas* definem-se como informações memorizadas que diferem em algum ponto da realidade que esteve na sua origem e foi efectivamente experienciada.<sup>32</sup> São lembranças que integram influências e interpretações.

A dimensão das falsas memórias pode ir de uma simples distorção da realidade vivida (exemplo: afirmar que a cor de uma carro envolvido num acidente era azul, quando na realidade era cinzento) até à implantação de uma memória cujo evento nunca ocorreu na verdade (exemplo: memória de uma violação que nunca se sucedeu).<sup>32</sup>

As falsas memórias podem decorrer tanto a partir de uma sugestão externa (memórias implantadas), ou seja, por influência outra que não o próprio indivíduo e cujo relato não faz parte da realidade vivida por ele mas com a qual possui pontes coerentes; ou de uma sugestão interna (memórias espontâneas), neste caso decorrente de influências provenientes da experiência e processos de integração pessoal característicos de cada pessoa.<sup>3,39</sup>

Não obstante, mostra-se importante evidenciar a diferença entre a falsa memória ou a mentira intencional.

Quando se faz alusão a uma falsa memória deve-se ter presente a ideia de que a pessoa em questão acredita intrinsecamente que vivenciou o facto lembrado sendo que, por outro lado, na mentira intencional o sujeito tem inteira consciência de que o evento relatado não aconteceu efectivamente.<sup>44</sup>

Estudos laboratoriais mais aprofundados sobre esta matéria tomaram um significado diferente desde o momento no qual Binet (1857 – 1911) se dedicou ao estudo dos mecanismos de sugestão como um método integrante de processos cognitivos, sociais e culturais adaptativos e não como marcadores de fragilidade psicológica.<sup>3,40</sup>

Hoje em dia já existem investigações consideráveis neste campo. A ferramenta tradicionalmente mais usada para avaliar as falsas memórias no âmbito de pesquisas laboratoriais consiste em listas de palavras associadas. Estas são apresentadas com o objectivo de serem lembradas numa fase posterior do estudo, sendo que todas as

palavras da mesma lista gravitam em torno de uma palavra alvo (distractor crítico) que traduz a ideia chave deste conjunto e que não foi apresentada, mas com a qual possuem uma conexão lógica. A presente metodologia criada por Roediger e McDermott (1995) foi elaborada a partir dos estudos de Deese (1959).<sup>2,49,10</sup>

Actualmente o interesse sobre esta matéria incide sobre as mais variadas áreas, nomeadamente a Psicologia ou mesmo a nível judicial ou criminal, sendo que cada vez mais se destaca devido ao impacto que este assunto tem directamente na vida pessoal e relacional dos indivíduos, visto que se tem vindo a compreender que de facto existe alguma facilidade na aquisição de falsas memórias por influência de terceiros.<sup>32</sup>

O exemplo que se segue é prova disso mesmo: em 1986 uma auxiliar de enfermagem recebeu algumas sessões de psicoterapia, as quais concluiu ficando com a convicção de que teria sido ajudada a recuperar memórias de situações de infância onde tinha sido incitada a participar em cultos satânicos, nos quais teria sido repetidamente violada (inclusive obrigada a manter relações com animais) e assistido ao assassinato de um amigo.<sup>28</sup> No entanto, após algumas perícias criminais sobre o caso ficou provado que os acontecimentos não tinham efectivamente ocorrido, e que não passariam de memórias implantadas pela sua terapeuta, tendo esta última sido condenada.<sup>28</sup>

Recordar é um processo construtivo, baseado em experiências, expectativas e conhecimentos e que fluem de acordo com os esquemas mentais característicos de cada indivíduo.<sup>53,54</sup>

Neste trabalho procura-se conceder uma visão de geral sobre em que consistem as falsas memórias, quão suscetíveis serão elas face a influências emocionais e qual o impacto desta relação.

## II. Teorias explicativas das Falsas Memórias

---

Várias teorias foram propostas ao longo dos anos com vista a elaborar um raciocínio lógico na literatura que conseguisse fornecer uma explicação sobre a criação deste tipo de memórias, sendo as duas principais mais aceites, a teoria do traço difuso e a teoria da activação/monitoramento de fonte.

Tem-se então a teoria do traço difuso, proposta inicialmente por Brainerd e Reyna, no início de 1990, a qual se fundamenta na ideia de que perante um acontecimento as memórias serão armazenadas segundo dois grupos que funcionam em paralelismo, mas livres, os quais são responsáveis pela selecção de experiências conforme estas tenham um padrão literal ou de essência.<sup>5,43,1</sup> As memórias que sejam classificadas como tendo padrão literal são aquelas que se baseiam em detalhes e informações específicas, por outro lado aquelas que se baseiam no padrão de essência são lembranças mais inespecíficas, amplas e abrangentes e que captam principalmente a estrutura semântica, sendo esta última associada a conceitos estáticos do conhecimento comum da sociedade e que portanto não compreendem a experiência pessoal concreta.<sup>5,43</sup> Traços de memória literal perdem-se rapidamente no tempo, pelo que as memórias mais duradouras são aquelas com traços de essência, no entanto mais susceptíveis a negligência e interferências.<sup>39</sup> Sendo assim, as falsas memórias dependem predominantemente de um processo que, apesar de promover inicialmente a recuperação de lembranças literais, quando estas não estão mais disponíveis com o decorrer do tempo, ou não sejam mais passíveis de reintegração, selecciona-se a via das memórias de essência, que por consequência estão mais propensas a erros, uma vez que são baseadas em informações menos concretas e estrutura semântica.<sup>5,43</sup>

Exemplificando determinado indivíduo que tenta relembrar o cão da sua vizinha de infância; na memória de essência o cão é representado como o melhor amigo do homem, companheiro e afável, portanto ele possivelmente será relembrado como mais bonito e vistoso que provavelmente seria na realidade, uma vez que progressivamente com o passar do tempo a imagem do animal esvaneceu, tendo permanecido ténues características concordantes com o padrão de essência e semântico.

Outra das grandes teorias é a da activação/monitoramento de fonte, desenvolvida primordialmente por Roediger, Watson, McDermott e Gallo em 2001, que como o nome sugere, existem então dois mecanismos envolvidos na produção de falsas memórias.<sup>50,43,1</sup> A propagação da activação desenrola-se com base no pressuposto de que as experiências individuais são armazenadas de acordo com esquemas característicos de cada sujeito.<sup>50,43</sup> Durante o processo de



relembrar, um esquema em particular é escolhido para a procura activa de algo vivido, pelo que falsas memórias surgem quando informação do mesmo esquema fortemente associada, é filtrada e seleccionada, embora não tendo que ver directamente com o sucedido.<sup>50,43</sup> Por outro lado, o monitoramento da fonte é dotado da função de entre um conjunto diversas informações afloradas à consciência, distinguir aquelas que aludem à percepção de eventos passados e que possam ser associadas a uma origem (fonte) verídica, daquelas que não o são efectivamente.<sup>50,43</sup> Quando a pessoa não é capaz de identificar correctamente a fonte/origem das memórias, podem igualmente surgir falsas memórias.<sup>50,43,45</sup>

Voltando ao exemplo anterior e concretizando agora esta teoria; quando alguém tenta relembrar o cão do seu melhor amigo brincando na festa de aniversário do mesmo todos os esquemas cerebrais associados ao cão serão visados, no entanto só um é activado de acordo com a informação alvo pretendida. Sendo assim, se eventualmente ocorrer um erro na identificação da fonte da memória seleccionada, a pessoa pode relembrar o cão brincando com um boneco em forma de osso, sendo que na verdade ele estaria a brincar com uma bola e o osso pertencia ao cão da sua vizinha de infância.

Uma teoria mais recente, mas não menos digna de consideração, é a teoria da activação associativa, atribuída a Howe que data de estudos iniciais em 2005.<sup>15,43</sup> Aqui afirma-se que tanto as memórias verdadeiras como falsas obedecem a sistemas automáticos associativos.<sup>15,43</sup> A presente teoria baseia-se no pressuposto de que a memória é composta por nós (enlaces), pelo que quando se solicita a revivência de uma memória, inicia-se um processo de activação associativa propagada que por conseguinte leva à selecção de todos os nós relacionados com o tema em questão, sendo que muitos deles não integram a memória em causa, mas por semelhanças e proximidade são de igual modo activados.<sup>15,43</sup> Assim o processo de relembrar predispõe a memória a rearranjos pela experiência pessoal do individuo, que através de associações cognitivas decorrentes de esquemas de memorização podem enviesar recordações. Falsas memórias ocorrem desta forma e são proporcionais à rapidez do processo e força associativa dos temas.<sup>15,43</sup>

Atentando agora pela última vez o exemplo do cão. Na linha de pensamento desta teoria, imaginando que determinada pessoa tenta relembrar a época em que o cão da sua avó esteve doente, ela pode descrever que este tivesse sido tratado no contexto através de injeções, quando na verdade o viu tomar comprimidos. Isto acontece porque o indivíduo, num dado momento que não o visado, assistiu de facto à vacinação do animal.

### III. Emoções e Memória

---

Ao longo das últimas décadas são alguns os estudos que tentam construir o tão ansiado paralelismo entre memória e emoção e compreender se, e de que forma, as emoções influenciam a laboração da memória sendo que no entanto pouco ainda é sabido.

Na verdade o impacto das emoções na memória é um ponto essencial da construção do ser humano como pessoa, pois essa interacção é capaz de ajustar a visão que cada um tem do mundo envolvente e de si próprio, mais propriamente da sua identidade.<sup>48</sup> Este exercício de cognição vai imperativamente influenciar a forma de agir de cada pessoa e torná-la um ser individual diferente de todos os outros ao erguer uma dimensão da memória que se apela de memórias autobiográficas.

Algumas pesquisas baseadas na simples tarefa de evocar imagens que foram previamente visualizadas mostram que fotografias não neutras, ou seja, capazes de despoletar no indivíduo emoções, são mais facilmente recordadas.<sup>7,22,42</sup>

Os primeiros estudos sobre o assunto indicavam que a propensão à integração de sugestões internas ou externas (falsas memórias espontâneas ou implantadas, respetivamente), no seio de eventos associados a sentimentos e emoções, seria muito baixa.<sup>39</sup>

Dados mais recentes apontam para uma visão contrária. Os mesmos afirmam que a elaboração de memórias é um processo criativo e construtivo onde episódios conectados a emoções e sentimentos são passíveis de distorção em maior dimensão.<sup>6,39</sup> Curiosamente este efeito é bastante correlacionado com memórias autobiográficas, em relação às quais, sugestões externas são fácil, mas erroneamente, associadas a eventos de infância.<sup>6,39</sup>

As *emoções* são experiências subjectivas que integram o todo que constituem a mente e corpo.<sup>46</sup> São definidas como um conjunto de processos complexos fisiológicos e cognitivos despoletados por estímulos e continuados por sistemas neuronais cujo fim é preparar a pessoa para a integração, interacção e acção social.<sup>2,46</sup> Envolvem variadas dimensões tais como a reacção manifestada, a exaltação fisiológica, a interpretação cognitiva e a experiência subjectiva.<sup>46</sup>

As reacções emocionais podem ser avaliadas através de duas variáveis: a valência, parâmetro que pode estender-se do desagradável (negativo) ao agradável (positivo); e o alerta, que vai da calma à estimulação.<sup>2</sup>

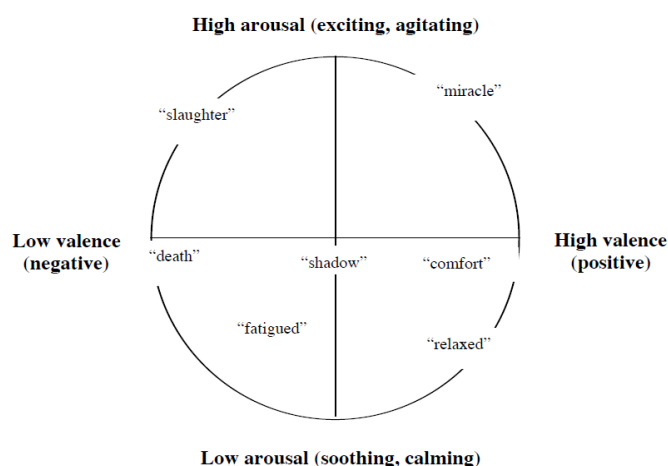
Uma das ferramentas mais usadas para avaliar as emoções em estudos experimentais é o Seld-Assessment Manikin (SAM), criado por Lang (1980), que classifica os acontecimentos desde negativos a positivos de acordo com dimensões de valência baixos a altos respectivamente, e por

outro lado, de não estimulantes a estimulantes de acordo com a dimensão do alerta também desde baixo a alto.<sup>2,25</sup> Estes dois parâmetros manipulam o nível de recuperação das memórias.<sup>2,25</sup>

Investigações têm indicado que lembranças passíveis de atribuição de níveis de valência extremos, seja ela negativa ou positiva, são posteriormente mais facilmente recuperadas, pois o sucedido decorre de processos neuronais consideravelmente mais intensos, que se desenrolam no momento do armazenamento e que as tornam mais facilmente acessíveis no futuro.<sup>9,2</sup> O processo de atribuição de valência consiste no estabelecimento, consciente, de conexões entre o acontecimento vivido e a experiência pessoal já adquirida, sendo que as ligações podem ser estabelecidas em dois sentidos, segundo associações semânticas (quando existe uma ligação de significados) ou autobiográficas (associadas a experiências já adquiridas).<sup>2,12</sup>

Por sua vez o parâmetro de alerta integra um processo inconsciente, automático, inato.<sup>2,23,24</sup> Ele actua como modulador da atenção prestada ao acontecimento que posteriormente estabelecerá a memória formada como mais ou menos propensa a ser lembrada.<sup>2,23,24</sup> No entanto o alerta pode influenciar a forma como os acontecimentos são processados e armazenados, uma vez que este critério tem força suficiente para, por um lado favorecer aspectos gerais do acontecido, e por outro diminuir o processamento de pormenores, criando desta forma julgamentos não intencionais do real, suscetibilizando-o a viés.<sup>2,23,24</sup>

Para ilustrar o conceito destas duas dimensões tem-se a seguinte ferramenta, amplamente aceite entre os críticos, a qual propõem que experiências afectivas são mais bem caracterizadas quando analisadas num campo bidimensional (figura 1).<sup>21</sup>



**Figura 1:** Experiências afetivas num campo bidimensional (Kensinger, 2004).<sup>21</sup>

Um facto curioso relatado é que acontecimentos de valência negativa têm taxas de recuperação de memórias, sejam elas verdadeiras ou falsas, superiores aos de valência neutra.<sup>2,31</sup> Tal circunstância traduz o significado de que palavras ou acontecimentos que transmitam emoções agradáveis ou desagradáveis são mais facilmente lembrados do que experiências não dotadas de qualquer carga emocional.

### **a. Precisão de Memórias Emocionais**

Numa abordagem guiada pelo senso comum e pela experiência seria lícito afirmar que memórias emocionais decorreriam de eventos com grande impacto na vida quotidiana, aos quais ter-se-ia prestado o máximo de atenção, e que portanto seriam munidas de elevada precisão aquando a sua integração cerebral.<sup>48</sup> Além disto estas agrupariam lembranças as quais constituiriam o alvo de reflexões repetidas, e que portanto promoveriam um armazenamento mais fidedigno.<sup>48</sup> No entanto é reconhecido pela comunidade científica que isto não será bem assim. As memórias emocionais são efectivamente propícias a erros e além disso, algumas delas chegam a ser completamente fantasiadas.<sup>48</sup>

Com a intenção de aprofundar mais este pressuposto Neufeld *et al* (2008) delinearam um estudo no qual imagens de eventos apelativos emocionalmente seriam acompanhadas por duas pequenas narrações divergentes mas alusivas à mesma história, apresentadas a dois grupos seleccionados aleatoriamente duma amostra.<sup>39</sup> Desta forma um dos grupos recebeu uma descrição sugestiva onde se relatava um acidente do qual uma criança tinha saído gravemente ferida, e o grupo controlo recebeu a descrição de uma história a qual referia que o menino apenas tinha assistido ao acidente e à prestação do socorro.<sup>39</sup> Posto isto os participantes foram questionados sobre a influência que a crónica tinha no despoletar de emoções, e em caso afirmativo com que intensidade o mesmo se secedeu.<sup>39</sup> Numa segunda fase do estudo foi entregue aos participantes uma notícia de jornal onde se descrevia o acontecimento ocorrido, sendo que metade das pessoas receberam uma comunicação na qual estava inclusa uma frase sugestiva de que o carro era vermelho e não azul como apresentado previamente nas imagens.<sup>39</sup>

A análise dos resultados deste ensaio forneceu indicadores que sustentam a noção geral de que eventos emocionalmente intensos potenciam a formação de memórias verdadeiras.<sup>39</sup> No entanto advertiram para o facto de que a emocionalidade do evento não torna a memória refratária à integração de itens não relacionados, nomeadamente distorções do real ou até mesmo aceitação de ideias sugeridas e não verdadeiras.<sup>39</sup> Uma das possíveis justificações propõe que informações

falsas predisõem os sujeitos a apresentarem-se mais atentos aquando o processo de relembrar um acontecimento, auxiliando-os na discriminação das frações verdadeiras ou falsas (sugeridas ou relacionadas) do mesmo, mas este procedimento não é sempre executado.<sup>39</sup>

Apesar de no presente estudo o efeito de sugestão (segunda fase do ensaio) não ter produzidos grandes efeitos (provavelmente devido ao facto de a sugestão ter sido apresentada imediatamente após a apresentação das imagens), os autores aludem a estudos, nomeadamente de Ticomb & Reyna (1995) que testaram o efeito de sugestão após uma semana do material inicial ter sido apresentado, tendo-se verificado que ocorria um aumento da taxa de falsas memórias.<sup>58,39</sup> Desta forma a conclusão aponta que a emocionalidade apoia a manutenção de recordações verdadeiras, sendo que apesar disso esta condição não protege a memória de erros e sugestões.<sup>39</sup> Assim o facto de uma memória ter conteúdo emocional não é uma garantia de que a mesma será credível no seu todo e ao longo tempo.

Mcneely *et al* (2004) realizaram também eles uma série de estudos onde compararam registos electrofisiológicos cerebrais traduzidos através de potenciais evocados produzidos enquanto se apresentavam listas de palavras de valência neutra e negativa.<sup>31,2</sup> Com base nos diferentes padrões monitorizados e nas respostas dos participantes aos testes de recordação chegaram a algumas conclusões.

Numa primeira fase do estudo verificou-se que palavras ditas emocionais negativas promoviam índices mais elevados de recuperação de memórias quer verdadeiras (visualizadas na fase de teste) quer falsas (não visualizadas na fase de teste), comparativamente a palavras neutras.<sup>31,2</sup> Numa segunda fase os investigadores propuseram-se a estudar se seria a conexão semântica (significado das palavras) a responsável por este fenómeno como até aqui teria sido defendido por outros investigadores.<sup>31,2</sup> Para tal elaboraram listas de palavras neutras e negativas forte e fracamente associadas semanticamente.<sup>31,2</sup> Na fase de reconhecimento foram introduzidas palavras neutras novas, associadas ou não semanticamente às apresentadas anteriormente, e palavras novas negativas.<sup>31,2</sup> Os resultados revelaram que os níveis de reconhecimentos verdadeiros de palavras negativas foram superiores aos das palavras neutras mas que, por outro lado, a taxa de falsas memórias foi também superior para palavras negativas relativamente a palavras neutras independentemente da força de associação semântica destas últimas.<sup>31,2</sup> Observou-se portanto que palavras de valência emocional negativa induzem com maior proporção a criação de memórias tanto verdadeiras como falsas, comparativamente a palavras de valência neutra, e que não é a associação semântica a responsável pela indução da criação de falsas memórias, mas sim o factor emocional em si mesmo.

A conclusão de Mcneely *et al* é consistente com a visão que identifica o destaque e projeção (carga emocional) que caracteriza as palavras de valência negativa, como responsáveis pelo maior índice de falsas e verdadeiras memórias independentemente da maior ou menor associação de contexto (conexão semântica).<sup>31,2</sup> Segundo os investigadores este padrão é consequência da programação humana inata como espécie, que prepara os indivíduos para serem mais atentos em relação a estímulos negativos (desagradáveis), e que se comprova por uma maior rapidez de codificação de palavras negativas independentemente de serem verdadeiras ou não.<sup>31,2</sup>

## **b. Memória de Eventos Traumáticos: que parte da memória é mais susceptível a erros?**

No geral são várias as provas que sugerem que memórias de eventos traumáticos não são isentas de influências e portanto passíveis de distorção.<sup>56</sup>

Mas será este pressuposto possível de ser levado ao extremo onde pessoas sejam capazes de evocar quadros inteiros de cenas que não aconteceram verdadeiramente?

Um aspecto que se tem mostrado bastante pertinente é o papel que as falsas memórias possam ter na manutenção do stress associado a eventos traumáticos, nomeadamente numa patologia conhecida como stress pós traumático.

Neste seguimento Rubin, Berntsen, & Bohni (2008) defendem que não é o evento negativo em si mesmo o responsável pela manutenção dos sintomas, mas sim a memória do mesmo.<sup>51</sup> Além disso o significado que memória e emoção têm para cada pessoa pode ser usado para prever a natureza e origem de uma lembrança traumática e de que forma esta poderá no futuro desencadear sintomas de stress pós traumático.<sup>51</sup>

Nos seus estudos também documentam que as reacções emocionais normalmente se desenvolvem muito após a ocorrência do acontecimento que as motivou, e não no instante; e que são as emoções negativas aquelas com mais responsabilidade no desenvolvimento dos sintomas da patologia em questão.<sup>51</sup> As emoções peritraumáticas são condição necessária para o desenvolvimento de stress pós-traumático.<sup>51</sup>

Além disso, inúmeros são os casos que indicam que a distorção de memórias por mecanismos de sugestão tem uma importância crucial no desenvolvimento e manutenção da sintomatologia.<sup>56</sup> Como exemplo tem-se uma investigação que evidencia o efeito de sugestões externas sobre memórias autobiográficas.<sup>57</sup> No âmbito da mesma foi comunicado a um grupo de pessoas que as memórias que possuíam relativas a determinado evento negativo, seriam mais ou menos graves do

que outros eventos experienciados de igual modo por pessoas diferentes.<sup>57</sup> O resultado indicou que os participantes que receberam a sugestão de que a sua memória (relativa a determinado episódio) seria mais negativa que a de outros participantes, passada uma semana relembavam o evento chave de forma viva e vigorosa, fortemente associado a um stress emocional negativo e com uma visão pessoal mais judiciosa.<sup>57</sup>

Pesquisas anteriores apontam a emoção como dotada da capacidade de direccionar a atenção para os aspectos centrais do evento, concebendo a memória dos mesmos mais precisa e por outro lado, detalhes periféricos parecem prejudicar este processo.<sup>48</sup> Deste modo seria fácil aferir que lembrança de detalhes centrais, mais críticos, seriam menos suscetível a alterações.<sup>14,56</sup>

Strage & Takarangi (2012) desenharam um ensaio para tentar compreender melhor esta questão. A experiência consistia em apresentar um anúncio que advertia para os perigos da condução durante a escrita de SMS.<sup>56</sup> Era então retratado um acidente de viação do qual resultavam cinco mortes entre os quais um bebé.<sup>56</sup> O filme foi repartido em vários clips. Depois de verem a película original uma vez, os participantes foram convidados a rever os clips (que continham algumas partes centrais e acessórias da história), sendo que deviam classificar quão cruciais para o conjunto, seria cada parte apresentada.<sup>56</sup> Notavelmente os investigadores concluíram que os clips classificados como cruciais foram também os que relatavam cenas mais traumáticas.<sup>56</sup>

Além disso os participantes foram chamados 24 horas mais tarde, e foi-lhes pedido que visualizassem de novo o filme, sendo que neste momento os investigadores teriam adicionado novos clips (não apresentados previamente), suprimindo alguns (eventos centrais e periféricos) e mantendo os outros.<sup>56</sup> Os resultados apontaram que os participantes reconheceram correctamente os clips mantidos, e rejeitaram os novos em alta proporção tendo, no entanto, 26% assumido ter visto (falsamente), e com elevada confiança, os clips suprimidos (criação de falsa memória).<sup>56</sup>

Por último também se observou que os participantes lembrariam mais facilmente os clips classificados como pontos centrais da história, incluindo aqueles que teriam sido suprimidos (e que portanto constituem falsas memórias uma vez que são falsamente apontados como visualizados neste teste), em comparação àqueles que exibiam detalhes acessórios.<sup>56</sup>

De acordo com evidências encontradas anteriormente por autores como Gerrie *et al* (2006), memórias de partes menos centrais (detalhes) seriam mais propensas a erros de memória, mas estes achados estariam em relação com eventos de valência emocional neutra.<sup>13</sup> No entanto no ensaio de Strage & Takarangi (2012), entretanto apresentado, ficou descrito que perante eventos emocionalmente negativos (neste caso, mortes em acidente rodoviário), os sujeitos são mais propensos a lembrar falsamente as partes centrais comparativamente aos detalhes.<sup>56</sup> Outros estudos, nomeadamente o de Kensinger em 2007, comprovam mesmo que perante um cenário

emocionalmente negativo os detalhes correspondem a itens lembrados com maior precisão (memórias verdadeiras).<sup>20</sup>

Em primeiro lugar uma possível justificação é que eventuais erros de memória estão mais direccionados para as frações mais negativas, pois estas são as frações com maior probabilidade de serem lembrados e revividos, intencionalmente ou não.<sup>56</sup> Por outro lado a evidência de os participantes terem lembrado falsamente e em maior proporção clips centrais pode ser justificado pelo facto de que a memória é altamente esquematizada, e que portanto os pontos mais estimulantes seriam aqueles mais susceptíveis a erros pois informações novas, desde que consistentes com o esquema no âmbito geral (traços de essência), são mais facilmente assimiladas.<sup>56</sup>

### **c. Será possível o Esquecimento Intencional de Falsas Memórias?**

Um procedimento específico que actualmente também tem atraído grandes interesses é o paradigma do esquecimento dirigido. Este paradigma consiste na apresentação de duas listas de palavras não relacionadas e de modo sequencial, sendo que depois da apresentação da primeira lista se instrui um dos grupos (grupo experimental) a esquecer esta mesma.<sup>47</sup> No entanto, na fase final do procedimento pede-se a ambos os grupos que tentem lembrar as listas.<sup>47</sup> Os resultados dos primeiros ensaios com este procedimento, indicavam que os níveis de recordação da primeira lista do grupo experimental (incentivados anteriormente a esquecer) seriam significativamente menores do que o grupo controlo, na condição de que a relação semântica entre as palavras fosse nula, ou seja, os termos das duas listas competiam paralelamente em matéria de significado, não existindo conexão de conceitos entre as palavras.<sup>47</sup>

Em 2003, um grupo de investigadores (Ruiz, Algarabel, Pitarque, & Dasí) propuseram uma nova análise mais direccionada para a interpretação de falsas memórias. Neste seguimento, às listas de palavras cuja intenção seria induzir o esquecimento (lista 1), foi associado um distractor crítico (falsa memória), semanticamente relacionado, mas não apresentado.<sup>47</sup> O objectivo seria testar se o esquecimento intencional solicitado abrangeria, ou não, da mesma forma a falsa memória produzida pelo distractor crítico, transpondo para termos quotidianos: será possível uma falsa memória, previamente criada, ser extinta de forma intencional?

Nos resultados foi apresentada uma percentagem de 53,8% de participantes que incorrectamente lembraram o distractor crítico, não apresentado, mas implícito na lista 1, cuja ordem era esquecer.<sup>47</sup> Portanto é possível citar neste contexto, que a intencionalidade do



esquecimento não inibe a produção de falsas memórias, muito provavelmente resultado de um erro de monotorização da fonte.<sup>47</sup> A inclusão consciente das palavras da primeira lista impossibilita, em certa proporção, o seu posterior esquecimento.

Com base nestes resultados infere-se portanto que criar uma falsa memória é bem mais exequível e provável do que inibi-la, pois o processo responsável por facilitar a sua criação possui uma face reversa que impede a sua inibição.<sup>47</sup>

E se a quantidade de falsas memórias relativas a um dado evento aumentar, será assim tão fácil continuar a inibir o seu esquecimento?

Os investigadores continuaram o seu trabalho agora com o propósito de esclarecer esta última questão. Para isso aumentaram o número de distractores críticos relacionados, mas não apresentados, em ambas as listas.<sup>47</sup> Os resultados (31% de falsas memórias mantidas no grupo cuja ordem seria esquecer) predizem mais uma vez, que de facto é difícil inibir intencionalmente falsas memórias previamente criadas nas mais variadas situações.<sup>47</sup>

Estes resultados detêm fortes implicações em varias áreas de grande importância no quotidiano, nomeadamente no âmbito judicial. Um evento sugerido de forma errónea relativamente à realidade, não é assim tão fácil de ser colocado em sintonia com a verdade, visto que é voluntariamente difícil esquecer uma falsa memória previamente criada. Efectivamente integração e esquecimento de informações constituem, no sistema cognitivo humano, as faces contrárias de um mesmo processo.<sup>47</sup>

## **IV. Emoções e Falsas Memórias na Patologia Psiquiátrica**

---

No seguimento do presente trabalho mostra-se indispensável uma concretização dos conceitos até aqui apresentados, ao exercício quotidiano da Psiquiatria, pelo que neste ponto se vai atentar em exemplos de uma aplicação sucinta do conceito das falsas memórias em quatro domínios psiquiátricos diferentes.

### **a. Mitomania na Personalidade Histrionica**

A pseudologia definida como a arte de mentir é a base da mitomania.

A mitomania é uma característica que define a mentira patológica, manifestando uma propensão compulsiva, não controlável, para a falsidade.<sup>33</sup> O conceito abrange todas as ideias não verdadeiras, fruto da imaginação do indivíduo, não sendo isso de todo impeditivo que a mesma seja reproduzida de forma praticamente idêntica as vezes pretendidas.<sup>33</sup> A pessoa acredita na “sua mentira” sem qualquer questionamento e portanto, tendo em conta este pressuposto, as mentiras podem transformar-se em falsas memórias em relação às quais o indivíduo não se questiona em termos de veracidade pois não reconhece a sua falsidade.

A mitomania ocorre frequentemente associada a transtornos de personalidade, nomeadamente a personalidade histriónica.<sup>33</sup> Neste domínio, a necessidade de canalização da atenção dos outros para si próprio, o egocentrismo e a insensibilidade em relação ao outro, justificam a necessidade imperiosa de fabulação.<sup>33</sup> A elevada psicoplasticidade característica da presente patologia favoriza o paciente em termos de grande capacidade em criar e integrar memórias que não correspondem à verdade.<sup>33</sup> Inicialmente as concepções fabulosas são essencialmente conscientes, mas rapidamente passam a ser tomadas erroneamente como parte da realidade contribuindo em grande escala para a criação de falsas memórias. No entanto, neste contexto, as falsas memórias tomam um carácter patológico distinto das falsas memórias que ocorrem inconscientemente e sem consequências na maioria dos indivíduos.

O presente assunto toma elevada importância uma vez que em matéria forense ele pode implicar a semi ou total imputabilidade em relação a crimes cometidos.

## **b. Estados Depressivos Delirantes**

Os estados depressivos possuem como base comum a presença de um humor triste, vazio, apático e/ou irritável, podendo ser acompanhados de manifestações cognitivas, motoras e somáticas, as quais produzem alterações no funcionamento do indivíduo.<sup>11</sup>

Atentando numa vertente mais estrita têm-se os estados depressivos delirantes que definem determinadas depressões nas quais ocorrem delírios e alucinações.<sup>11</sup>

O delírio é definido como a criação de convicções patológicas falsas, em relação às quais existe crença subjectiva mas absoluta e integral por parte do indivíduo.<sup>11</sup>

Estes estados depressivos com características psicóticas incluem vários tipos de delírios dos quais se destaca os de culpa e ruína, baseados numa ideia de punição subjectiva.<sup>11</sup> No primeiro o indivíduo tende a culpabilizar-se por situações quotidianas marcantes, por exemplo culpar-se pela morte decorrida num acidente rodoviário ao qual se assiste. No segundo caso, o delírio de ruína, frequentemente ocorre em estados hipocondríacos com a sensação subjectiva que o corpo está a apodrecer, mas também decadência, por exemplo financeira, com sensação extrema de miséria, podendo mesmo os assuntos não ter qualquer ligação com a vida real da pessoa.<sup>11</sup>

As falsas memórias são comuns uma vez que no seio de um indivíduo delirante e emocionalmente desequilibrado as interferências são facilmente integradas. Elas podem ser consecutivas a interpretações falsas da realidade, mas coerentes com registos pessoais verdadeiros, ou decorrentes de juízos delirantes minimamente lógicos e prováveis para a pessoa.<sup>35</sup>

## **c. Esquizofrenia Paranoide**

A esquizofrenia define-se como uma patologia baseada na perda inconsciente do vínculo com a realidade.<sup>34,52</sup> Resulta de visões distorcidas de uma intervenção conjunta entre pensamento, emoção e comportamento.<sup>34,52</sup> Existem alguns subtipos de esquizofrenia, dos quais se destaca o paranoide, no qual predominam os delírios por definição associados a sintomas positivos.<sup>34,41</sup>

Os erros de identificação situacional, criando juízos falsos, são frequentemente observados na esquizofrenia delirante, por exemplo tomar um amigo erroneamente como um desconhecido.<sup>26,19</sup>

Por outro lado a criptomnesia também ocorrer na esquizofrenia paranoide. O conceito define situações nas quais o indivíduo constrói uma ideia considerando-a como nova, quando na realidade a mesma já existia em forma de memória que no entanto não foi reconhecida como tal, sendo este incapaz de identificar o processo como falso.<sup>26,19</sup> O impacto emocional possui grande importância nesta área.<sup>26,19</sup>

#### **d. Memórias Falsas induzidas por Hipnose**

A hipnose foi e sempre será um tema bastante discutido e polêmico na história da Psiquiatria devido às práticas controversas que aborda, totalmente recusada por uns e assumidamente aceite por outros.

A hipnose clínica consiste numa técnica terapêutica que se baseia numa reflexão conjunta do hipnotizador e do paciente em relação à história pessoal deste último, que se encontra num estado induzido de relaxamento e concentração mental.<sup>37,8,18</sup>

Esta prática constitui um importante adjuvante na reconstrução terapêutica de experiências subjectivas de um indivíduo, por facilitar a transferências de pensamentos e ideias em dois sentidos.<sup>37</sup> Isto significa que o terapeuta possui efectivamente um papel activo na medida em que expressa sugestões, no entanto a última palavra será sempre da competência do paciente, o qual constrói soluções e toma decisões com base nas propostas.<sup>37</sup> Uma prova disto é que nem todos os sujeitos são influenciados da mesma forma nem com a mesma facilidade.<sup>8</sup> A hipnose é portanto uma reflexão comunicativa conjunta com o objectivo final de adaptação da experiência.<sup>36,38</sup>

Para o terapeuta é de extrema importância manter presente que a hipnose não pode ser impositiva, isto é, não é permitido decretar ideias ao paciente.<sup>37</sup> É imperativo proporcionar um certo espaço que permita ao sujeito um trabalho activo num cenário cujo objectivo final é elaborar os seus próprios processos de mudança.<sup>37</sup>

Segundo Loftus (1997,2003) as falsas memórias seriam decorrentes de sugestões ou imaginações.<sup>27,29,1</sup> As sugestões são mensagens proferidas por sujeitos que não o próprio indivíduo, que possuem sempre alguma semelhança com as memórias verdadeiras do último. Existe então alguma facilidade em criar falsas memórias na medida em que estas podem produzir ligações com as verdadeiras.<sup>27,29,1</sup> Já através da imaginação a pessoa é incentivada a libertar a mente sem a preocupação de distinguir o real do irreal, pelo que

eventos completamente novos sem semelhança alguma com factos ocorridos, podem ser criados.<sup>27,29,1</sup>

Por outro lado existe também a possibilidade de que a memória recuperada no seio da terapia hipnótica seja já ela uma falsa memória, sendo impossível ao terapeuta inferir a sua veracidade.<sup>8</sup>

Atendendo a este panorama é fácil perceber que se trabalha num campo bastante delicado, pelo que por vezes, resultados menos desejados podem suceder como desvios aos objectivos estipulados.

À partida não é possível, nem tão pouco ético, modificar lembranças passadas. É por outro lado mais aceitável promover o acesso a memórias preexistentes que possam agora constituir pontes, no sentido de ajudar o indivíduo a compreender a sua história. Fala-se então de reapropriação do “eu”, processo que permite a atribuição de significado e sentido à experiência pessoal de cada sujeito.<sup>36</sup>

É de extrema importância o terapeuta estar consciente do seu papel activo expresso pela sua capacidade de influência.

## V. Discussão e Conclusão

---

Segundo Hyman e os seus colaboradores (1995) recordar é uma actividade na qual a pessoa constrói uma associação com o passado, e isto é muito mais provável desenvolver-se no seio de família ou amigos do que no contexto da psicoterapia.<sup>6,16</sup> Desta forma e ainda segundo Hyman (1995), a vida é uma ensaio contínuo de transformação de memórias, onde estas são constantemente adaptadas de acordo com informações novas.<sup>16</sup>

A memória é um sistema único e selectivo continuamente reinventado de forma única em tempos diferentes, e que portanto está incessantemente sujeito a mudanças.<sup>51</sup>

No presente trabalho abordou-se uma vertente específica do domínio das falsas memórias, ou seja, qual a influência das emoções neste processo, nomeadamente na sua génese e manutenção.

Será então a memória de eventos emocionalmente intensos mais propensa a distorções?

Dois estudos aqui apresentados (Neufeld *et al*, 2008; Mcneely *et al* 2004) criam um panorama que pode à primeira vista parecer contraditório e inconciliável, ao divergirem na noção de que emoções potenciam falsas e verdadeiras memórias.

Num ponto ambos estão de acordo: a emoção molda a memória. Estas são duas variáveis que se influenciam mutuamente, seja no sentido da produção de falsas memórias ou no auxílio da manutenção de memórias verdadeiras. Posto isto, talvez uma visão abrangente seja capaz de criar um consenso: por um lado acontecimentos chocantes emocionalmente estimulam os sujeitos a apresentarem-se mais atentos para o evento sucedido, de forma a captar o máximo de detalhes e informação. No entanto, uma maior atenção nem sempre se traduz em memórias mais verdadeiras pois por vezes, as emoções deturpam a realidade e fazem com que o indivíduo seja mais propenso à influência de sugestões, uma vez que o impacto da circunstância despoleta uma tempestade de emoções que o afastam da realidade e veracidade do momento.

Num segundo ponto o estudo de Mcneely *et al* (2004) constrói uma pequena visão na qual se sustenta a ideia de que eventos de valência negativa sejam mais propensos à criação de falsas memórias. Neste campo serão necessárias investigações de maiores dimensões, que considerem mais variáveis e incluam todo o espectro da valência emocional, uma vez que esta indicação é ainda muito ténue. Na literatura encontra-se uma certa ausência em estudos que correlacionem falsas memórias com emoções de valência positiva e não só negativa, para que desta forma se possa elaborar conclusões mais fortes e sustentadas. Objectivamente seria de grande interesse estudos que fizessem competir de forma directa itens de valência negativa e positivas avaliando paralelamente

a criação de memórias verdadeiras e falsas e concluir qual o extremo da escala de valência emocional que tendencialmente induz em maior proporção falsas memórias.

Na presente revisão demonstrou-se também que as partes cruciais dos eventos são os alvos preferenciais de formação e manutenção tanto de memórias verdadeiras como falsas, em relação aos detalhes. Além disso também se apresenta uma pequena indicação de que memórias emocionais negativas são mais propensas a este feito. No entanto, e da mesma forma ao indicado anteriormente, trabalhos de maior amplitude que incluam todo o espectro de valência emocional desde o negativo ao positivo são necessários para aferir conclusões mais sustentadas.

Não menos importante de salientar é o facto de que falsas memórias não são facilmente esquecidas e que portanto a aceitação deste fenómeno como parte naturalmente integrante da construção do ser humano deve ser reconhecido.

Finaliza-se atentando que uma melhor compreensão da interacção entre memória e emoção será bastante útil para o desenvolvimento de conhecimentos no universo das falsas memórias, no sentido de se desenvolverem bases sólidas nas quais os profissionais possam construir conexões lógicas entre experiências vividas e as memórias recuperadas, e que os ajudem a decodificar o comportamento e narrativas de cada indivíduo.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, Professor Doutor Mário Simões, por toda a disponibilidade, apoio, ensino e partilha do espírito de liberdade de pensamento.



## VI. Referências Bibliográficas

---

1. Alves CM, Lopes EJ. Falsas Memórias: questões teórico-metodológicas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 2007;17(36):45-56.
2. Antos RF, Stein, LM. A influência das emoções nas falsas memórias: uma revisão crítica. *Psicol. USP*. 2008;19(3):415-434.
3. Binet, A. La suggestibilité. *Paris:Schleicher*. 1900.
4. Brainerd CJ, Poole DA. Long-term survival of children's false memories: A review. *Learning and Individual Differences*. 1997;9(2):125-152.
5. Brainerd CJ, Reyna VF. Fuzzy - Trace and false memory. *Current Direction in Psychological Science*. 2002;11(5):164-168.
6. Braun KA, Ellis R, Loftus EF. Make my memory: How advertising can change our memories of the past. *Psychology & Marketing*. 2002;19(1):1-23.
7. Buchanan TW, Denburg NL, Tranel D, Adolphs R. Verbal and nonverbal emotional memory following unilateral amygdala damage. *Learning & Memory*. 2001;8(6):326-335.
8. Carvalho C. Entrevista com o Professor Irving Kirsch - Uma conversa acerca da hipnose clínica e experimental. *Análise Psicológica*. 2010;28(2):377-384.
9. Craik FIM. (). Levels of processing: Past, present, and future? *Memory*. 2002;10(5-6):305-18.
10. Deese J. On the prediction of occurrence of particular verbal intrusions in immediate recall. *Journal of Experimental Psychology*. 1959;58(1):17-22.
11. Del Porto JA. Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 1999;21(1):6-11.
12. Doerksen S, Shimamura AP. Source memory enhancement for emotional words. *Emotion*. 2001;1(1):5- 11.
13. Gerrie MP, Belcher LE, Garry M. 'Mind the gap': False memories for missing aspects of an event. *Applied Cognitive Psychology*. 2006;20(5):689-696.
14. Gerrie MP, Garry M. Individual differences in working memory capacity affect false memories for missing aspects of events. *Memory*. 2007;15(5):561-571.
15. Howe ML, Wimmer MC, Gagnon N, Plumpton S. An associative-activation theory of children's and adults' memory illusions. *Journal of Memory and Language*. 2009;60(2):229-251.
16. Hyman IE, Husband TH, Billings FJ. False memories of childhood experiences. *Applied Cognitive Psychology*. 1995;9(3):181-197.
17. Izquierdo, I. Memórias. *Estudos Avançados*. 1989;3(6):89-112.
18. Jacques MGC *et al.* Relações sociais e ética. *Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais*. 2008:108-129.
19. Johnson MK. Psychology of False Memories. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. 2001(1):5254-5259.
20. Kensinger EA. Negative emotion enhances memory accuracy: behavioral and neuroimaging evidence. *Current Directions in Psychological Science*. 2007;16(4):213-218.
21. Kensinger EA. Remembering emotional experiences: The contribution of valence and arousal. *Reviews in the Neurosciences*. 2004;15(4):241-251.
22. Kensinger EA, Corkin S. Memory enhancement for emotional words: Are emotional words more vividly remembered than neutral words? *Memory & Cognition*. 2003;31(8):1169-1180.
23. Kensinger EA, Corkin S. The effects of emotional content and aging on false memories. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*. 2004a;4(1):1-9.

24. Kensinger EA, Corkin S. Two routs to emotional memory: Distinct neural processes for valence and arousal. *Proceedings of National Academy of Sciences*. 2004b;101(9):3310-3315.
25. Lang PJ, edited by Sidowski JB, Johnson JH, Williams TA. Behavioral treatment and bio-behavioral assessment: Computer applications. In J. B. *Technology in Mental Health Care Delivery Systems In Technology in Mental Health Care Delivery Systems*. 1980:119-137.
26. Lindsay DS. Source monitoring; Cognitive psychology of memory. *Learning and Memory: a comprehensive reference*. 2008;2(1):325-348.
27. Loftus EF. Creating false memories. *Scientific American*. 1997;277(3):70-75.
28. Loftus, EF. The price of bad memories. *Skeptical Inquirer*. 1998;22(2):23-24.
29. Loftus EF. Our changeable memories: Legal and practical implications. *Nature Reviews: Neuroscience*. 2003;4(3):231-234.
30. Lombroso P. Aprendizado e memória. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2004;26(3):207-210.
31. McNeely HE, Dywan J, Segalowitz SJ. ERP indices of emotionality and semantic cohesiveness during recognition judgments. *Psychophysiology*. 2004;41(1):117-129.
32. Mojardín Heráldez, A. Origen y manifestaciones de las falsas memorias. *Acta Colombiana de Psicología*. 2008;11(1):37-43.
33. Morana H. Psiquiatria Forense: a partir do caso da advogada brasileira na Suíça. *Psiquiatria on line Brasil*. 2009;14(2).
34. Moreira C, Mezzasalma MA, Juliboni RV. Esquizofrenia Paranoide: Relato de Caso e Revisão da Leitura. *Revista Científica da FMC*. 2008;3(2):29-32.
35. Moreira J, Peixoto A. A paranoia e as síndromes paranoides. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 2010;17(2):539-561.
36. Neubern M. Hipnose e Subjectividade: Reflexões Sobre a Ciência Moderna e a Psicologia. *Diversitas: Perspectivas em Psicologia*. 2009;5(2):307-3019.
37. Neubern M. Hipnose e sentidos físicos em psicoterapia: sobre a reconstrução da experiência do sujeito. *Psicologia em Revista*. 2012;18(1):119-133.
38. Neubern M. Hipnose, Dor Crônica e Técnicas de Ancoragem: A Terapia de Dentro para Fora. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2013;29(3):297-304.
39. Neufeld CB, Brust PG, Stein LM. O efeito da sugestão de falsa informação para eventos emocionais: quão suscetíveis são nossas memórias? *Psicol. Estud*. 2008;13(3):539-547.
40. Nicolas S, Collins T, Goundena Y, Roediger HL. The influence of suggestibility on memory. *Consciousness and Cognition*. 2011;20(2):399-400.
41. Oliveira RM, Facina PC, Siqueira Júnior AC. A realidade do viver com esquizofrenia. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2012;65(2):309-316.
42. Oschner, KN. Are affective events richly recollected or simply familiar? The experience and process of recognizing feelings past. *Journal of Experimental Psychology: General*, 2000;129(2):242-261.
43. Otgaar H, Alberts H, Cuppens L. Ego depletion results in an increase in spontaneous false memories. *Consciousness and Cognition*. 2012;21(4):1673-1680.
44. Payne DG, Elie CJ, Blackwell JM, Neuschatz J. Memory illusions: recalling, recognizing and recollecting events that never occurred. *Journal of Memory and Language*. 1996;35(2):261-285.
45. Peters MJV, Jelicic M, Verbeek H, Merckelbach H. Poor working memory predicts false memories. *European Journal of Cognitive Psychology*. 2007;19(2):213-232.
46. Pinto AC. *Psicologia Geral*. Lisboa: Universidade Aberta. 2001;227: (241-248).
47. Pitarque A, Algarabel S, Dasí C, Ruiz JC. Olvido dirigido de falsas memorias: ¿Podemos olvidar intencionadamente una falsa memoria? *Psicothema*. 2003;15(1):6-11.

48. Reisberg D, Heuer R. Memory for emotional events. In Reisberg D, Hertel P, Memory and emotion. *Oxford University Press*. 2004; 3-41.
49. Roediger III HL, McDermott KB. Creating false memories: Remembering words not presented on lists. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*. 1995;21(4):803-814.
50. Roediger III HL, Watson JM, McDermott KB, Gallo DA. Factors that determine false recall: A multiple regression analysis. *Psychonomic Bulletin & Review*. 2001;8(3):385-407.
51. Rubin DC, Berntsen D, Bohni MK. A memory-based model of posttraumatic stress disorder: Evaluating basic assumptions underlying the PTSD diagnosis. *Psychological Review*. 2008;115(4):985-1011.
52. Silva RC. Esquizofrenia: uma revisão. *Psicologia USP*. 2006;17(4):263-285.
53. Stein LM, Neufeld C B. Falsas memórias: Por que lembramos de coisas que não aconteceram? *Arquivos de Ciências da Saúde Unipar*. 2001; 5(2):179-186.
54. Stein LM, Pergher GK. Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2001;14(2):353-366.
55. Sternberg, RJ. Psicologia cognitiva. *Porto Alegre: Artes Médicas Sul*. 2000;5:203-226.
56. Strange D, Takarangi MK. False memories for missing aspects of traumatic events. *Acta Psychol (Amst)*. 2012;141(3):322-326.
57. Takarangi M, Strange D. Emotional impact feedback changes how we remember negative autobiographical experiences. *Experimental Psychology*. 2010;57:354-359.
58. Titcomb AL, Reyna VF. Memory interference and misinformation effects. In Dempster FN, Brainerd CJ. *New perspectives on interference and inhibition in cognition*. 1995;263-294.